

Gomes, Romeu (Org): Saúde do Homem em debate. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

Florêncio Mariano Costa-Júnior¹

O livro *Saúde do Homem em debate*, organizado por Romeu Gomes, é composto por um conjunto de textos engajados na temática dos homens e das masculinidades. Ancorados na perspectiva relacional do gênero os autores debatem a saúde do homem sob diferentes olhares em nove capítulos que integram o livro. Dentro de fundamentos sócioantropológicos os autores buscam construir novas formas de pensar ações no campo da saúde que possam consolidar a assistência integral a saúde do homem. O debate inicia-se focalizando a reflexão nos diferentes contextos de vulnerabilidade visando mapear a realidade da saúde masculina para então sinalizar possíveis formas para a promoção da saúde na população.

Os estudos apresentados nos capítulos dialogam com dados estatísticos em diferentes contextos e regiões do Brasil, possibilitando um amplo panorama acerca da saúde do homem brasileiro e as variáveis que a complexifica. A composição final do livro traz um rico e diversificado debate sobre saúde masculina no contexto brasileiro. Os temas tais como integralidade, gênero, curso de vida, raça/etnia, sexualidade e também violência e vulnerabilidades, são eixos de reflexão propostos pelos autores, e por isto é uma fonte de dados e análises para aqueles que almejam debater os multideterminantes relativos à saúde do homem, as questões culturais circunscritas aos cuidados de saúde e, sobretudo, para a compreensão das vulnerabilidades contingentes à construção da masculinidade.

¹ Doutorando em Medicina Preventiva na Universidade de São Paulo, Brasil.

O livro inicia com a retomada de dois conceitos essenciais para os estudos em saúde coletiva: a integralidade e o gênero. Desenha inicialmente o *background* teórico ao discutir a política de atenção à saúde do homem e propõe uma abordagem para se olhar o tema a partir de dois princípios fundantes: gênero como categoria relacional e a integralidade como proposta de cuidados em saúde. No capítulo 1 intitulado como “Integralidade em saúde e os homens na perspectiva relacional de gênero”, os autores Lilia Blima Schraiber e Wagner dos Santos Figueiredo, partem de uma breve retomada histórica sobre gênero, integralidade e saúde no Brasil para então contemporizar novas propostas e intervenções interdisciplinares que promovam assistência integral para as demandas em saúde da população em geral. Neste capítulo, os autores advogam pela análise relacional do gênero como um fator constitutivo das subjetividades e das relações entre homens, mulheres e o sistema de saúde.

Em um plano objetivo e também de revisão para repensar o que foi e como está a saúde do homem no Brasil, no Capítulo 2: “Eu não sou só próstata, eu sou um homem! Por uma política pública de saúde transformadora da ordem do gênero” os autores Benedito Medrado, Jorge Lyra e Mariana Azevedo atentam para as questões referentes ao campo da produção acadêmica e das posições políticas sobre as masculinidades. Acrescentam dados que permitem dar voz aos homens localizados nos contextos de vulnerabilidade e invisibilidade. Os autores discutem os estudos que, em diferentes campos do conhecimento, sistematizam discussões das masculinidades e que após os anos 90 formaram um corpo teórico mais consolidado para se pensar a condição do homem no Brasil. Ao mapear a trajetória deste campo os autores constroem análises críticas sobre as possíveis repercussões da política nacional de atenção à saúde do homem. O texto reflete sobre as masculinidades que estão sendo forjadas pelos discursos de políticas públicas no campo da saúde. Após levantamentos de dados e

denúncias, os autores propõem diretrizes e princípios para investigar e intervir na saúde do homem dentro de uma perspectiva ampla que considere os múltiplos determinantes em saúde.

No capítulo 3, “Vulnerabilidade masculina, curso de vida e moradia urbana: um dilema para homens adultos de bairros populares”, Parry Scott traz a lume a discussão sobre vulnerabilidade e curso de vida dentro de uma perspectiva público-privado, doméstica-social e seus desdobramentos na construção das masculinidades. O envelhecimento da população, as baixas taxas de fertilidade como reflexos de mudanças sociais e culturais nas camadas nobres e populares compõem fatores produtores de vulnerabilidades quando dialogados com a demais complexas conjunturas sociais nas quais os homens estudados estão inseridos.

No percurso do debate o livro apresenta, no capítulo 4, “Reflexões sobre a saúde dos homens Jovens: uma articulação entre juventude, masculinidade e exclusão social” e tece relações entre a saúde sexual e reprodutiva, trabalho e violência para discutir a saúde de homens jovens. Os autores, Marcos Nascimento, Márcio Segundo e Gary Baker advogam pela desconstrução da noção de homogeneidade associada a “juventude”. Neste ponto os autores corroboram que a construção social das masculinidades conduzem, de diferentes modos, os homens jovens a se distanciarem dos cuidados de saúde sexual e reprodutiva, bem como, sob o ponto de vista dos jovens, os serviços de saúde privilegiam as demandas femininas quando se trata de programas de saúde e cuidados dispendidos a população.

O capítulo 5, “Discriminação, cor/raça e masculinidade no âmbito da saúde: contribuições da pesquisa social”, versa sobre os desafios relacionados a discriminação de cor/raça no campo da saúde e ressalta a relevância das contribuições das ciências sociais para se construir procedimentos metodológicos afim de investigar e intervir

sobre a relação saúde e racismo. Neste capítulo, Simone Monteiro e Fátima Cocchetto, desenvolvem a discussão sobre a configuração e reprodução do racismo no Brasil, tecendo uma análise para compreender de que forma o racismo se instaura na saúde produzindo discriminação e segregação a partir de diferentes matizes e cenários.

No capítulo 6, “A sexualidade masculina em foco”, o autor Romeu Gomes aborda a sexualidade masculina e a heteronormatividade nas narrativas sexuais masculinas “indicando que os enredos sexuais podem ultrapassar tanto fronteiras entre classe como as de universo geracional”. Trazendo a lume as narrativas masculinas o autor revela enredos particulares que nem sempre são determinados por modelos hegemônicos de masculinidade. No sentido de contribuir para o debate sobre a sexualidade masculina em uma perspectiva ampliada, o autor sugere pontos de partida úteis para a reflexão e prática no campo da saúde.

Pedro Nascimento, autor do capítulo 7, “De quem é o problema? Os homens e a medicalização da reprodução” aponta as relações de gênero e o discurso médico em interface ao processo de tratamento de infertilidade. O debate circula entre temas e situações polêmicas, comuns ao processo de tratamento e enraizadas nas relações de gênero. O autor desvela os discursos nos quais a mulher é tida como o foco e portadora do problema e alvo das investigações iniciais. Por outro lado, segundo o autor, este mesmo discurso que parece resguardar e manter o valor de “potência” contingente ao masculino também marginaliza e parece punir os homens que encontram-se na condição de “portadores” da dificuldade reprodutiva.

No capítulo 8 sob o título de “Representações da violência de gênero para homens e perspectivas para a prevenção e promoção da saúde”, Márcia Thereza Couto e Lilia Blima Schraiber conduzem o debate para se pensar a complexa realidade da violência de gênero na relação entre homens e mulheres e seu desfecho no campo da saúde.

Abordando os modelos ideais de homem e de mulher e ditos populares sobre violência entre homens e mulheres, as autoras verificaram as concepções que naturalizam a violência, bem como a esquivia masculina para descrever os atributos do que é ser homem. E, em contrapartida verificaram uma variedade e detalhes para se descrever o modelo ideal de mulher. As autoras sugerem que para pensar a questão da violência e das masculinidades é necessário um olhar para duas direções: a primeira se refere a incorporação de novos temas nas atividades de educação em saúde tais como honra, liberdade-autonomia, traição, sexualidade entre outros. A segunda proposta seria a ampliação de atividades, com os homens no campo da saúde, orientadas no acúmulo de conhecimento oriundo das pesquisas sobre a vivência das masculinidades.

A violência continua como central na análise proposta por Sérgio Carrara e Gustavo Saggese no capítulo 9, "Masculinidades, violência e homofobia". O último capítulo do livro se pauta na violência homofóbica, hostilidade e a invisibilidade social relativa aos indivíduos que possuem outras configurações afetivo-sexuais que não a heterossexual. Os autores analisam o lugar social do homossexual e da homossexualidade no Brasil e denunciam o impacto negativo da violência homofóbica para a saúde física e psíquica dos sujeitos envolvidos. Ressalta também a necessidade de maior investigação acerca dos componentes que trazem, para certos grupos de minorias, maior vulnerabilidade.

Em síntese, o livro e seu conjunto de reflexões que problematiza a saúde do homem brasileiro vem a somar para o conhecimento e pesquisa no campo das ciências humanas e saúde coletiva. O livro contém análises lúcidas sobre a saúde masculina em interface com o cenário sociocultural brasileiro e é um grande incentivo ao desenvolvimento de pesquisas investigativas e interventivas objetivadas na promoção de saúde à população brasileira.